

EXÍLIOS VOLUNTÁRIOS: EXPRESSÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE LONGE DO IMPEDIMENTO FAMILIAR E/OU SOCIAL

Voluntary Exiles: Expressions of Gender and Sexuality Away from Familial and/or Social Impediments

Ericlis Roberto Aguiar dos Santos¹

Roberta Aguiar dos Santos²

Augusto Ferreira Ramos Filho³

RESUMO: Esta pesquisa tem como objetivo analisar como as expressões de gênero e sexualidade são impactadas por impedimentos familiares e/ou sociais, investigando como o exílio voluntário como estratégia de autonomia e emancipação de pessoas LGBTQIAPN+. A partir de uma abordagem qualitativa e fundamentada na teoria *queer*, nos estudos de gênero e sexualidade, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com seis indivíduos *queer*, em diferentes regiões do Brasil. Os dados foram analisados por meio da análise de conteúdo. Os resultados revelam que o exílio voluntário é motivado pelo desejo de liberdade e de afirmação identitária frente à rejeição social e familiar, frequentemente sustentado por padrões normativos e religiosos. Os entrevistados relatam a única possibilidade de viver de forma plena e segura sua identidade. O estudo contribui para a reflexão sobre acolhimento, saúde mental e políticas públicas inclusivas, reconhecendo o exílio voluntário como de resistência, sobrevivência e dignidade da população LGBTQIAPN+.

PALAVRAS-CHAVE: Exílio Voluntário; Gênero; Sexualidade; LGBTQIAPN+; Liberdade.

ABSTRACT: This research aims to analyze how expressions of gender and sexuality are impacted by familial and/or social constraints, exploring voluntary exile as a strategy for autonomy and emancipation among LGBTQIAPN+ individuals. Based on a qualitative approach grounded in queer theory and gender and sexuality studies, semi-structured interviews were conducted with six queer individuals from different regions of Brazil. The data were analyzed using content analysis. The findings reveal that voluntary exile is often driven by the desire for freedom and identity affirmation in

¹ Graduando em Pedagogia (UNEAL). Universidade Estadual de Alagoas, Orcid: <https://orcid.org/0009-0003-5124-3061> Email: ericlis@alunos.uneal.edu.br

² Graduanda em Pedagogia (UNEAL). Universidade Estadual de Alagoas, Orcid: <https://orcid.org/0009-0003-5124-3061> Email: roberta.santos.2023@alunos.uneal.edu.br

³ Doutor em Administração (UFPB), Universidade Estadual de Alagoas, Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8375-4024> Email: augusto.filho@uneal.edu.br

response to familial and societal rejection, frequently rooted in normative and religious frameworks. Participants shared that exile was the only viable path to fully and safely live their identities. This study contributes to discussions on social inclusion, mental health, and public policies, emphasizing the need for shelters, psychological support, and employment opportunities. Voluntary exile is thus understood as an act of resistance, survival, and a pursuit of dignity for the LGBTQIAPN+ population.

KEYWORDS: Voluntary Exile; Gender; Sexuality; LGBTQIAPN+; Freedom.



10.23925/2176-4174.35.2025e72519

Recebido em: 11/07/25.

Aprovado em: 09/08/25.

Publicado em: 10/08/25.

Introdução

Por conseguinte, a liberdade de expressão de gênero e sexualidade são aspectos básicos dos Direitos Humanos a homens e mulheres. No entanto, muitos lugares e territórios, especialmente aqueles com forte centralidade de valores tradicionais e normas heteronormativas, pessoas LGBTQIAPN+ ainda são submetidas a várias formas de violência e discriminação. Essas violências ocorrem no campo físico, simbólico e institucional, perpetrados por membros da família, amigos, vizinhos, empregadores ou, até mesmo, pelo governo, subtraindo seu direito a uma vida em dignidade e à plenitude de sua cidadania.

As agressões, físicas, ameaças, insultos, o isolamento social, a discriminação nos serviços públicos e a falta de proteção legal são apenas algumas das maneiras pelas quais essa violência estrutural prejudica e afeta essas pessoas. As consequências, por sua vez, são severas, afetando a saúde mental, emocional e física, bem como seu acesso à educação, ao trabalho e à moradia.

Com este pano de fundo, este trabalho estudará o fenômeno do exílio voluntário de pessoas LGBTQIAPN+ como uma maneira de resistir à rejeição de suas famílias e expressar abertamente suas identidades de gênero e sexualidades. Este exílio implica em sua decisão de deixar o espaço família, cidade, estado ou país para encontrar um lugar menos hostil e viver com razoável segurança e dignidade. Ao mesmo tempo, isso oferece a oportunidade de conquistar autonomia e, ainda, cria

obstáculos consideráveis à sua vivência, como o rompimento de relacionamentos afetivos, a adaptação às culturas locais e a construção de redes de apoio.

Posto isso, a presente pesquisa tem como problemática para nortear-se a seguinte questão-problema: de que maneira a rejeição familiar e/ou social impacta as expressões de gênero e sexualidade de pessoas LGBTQIAPN+ e forma o exílio voluntário colabora para independência e autonomia? O objetivo geral é compreender o impacto que essas expressões estão sofrendo, com base nestas experiências de rejeição e violência, no que tange ao exílio voluntário empregar-se a reconstrução identitária e autonomia de Si. Para tanto, a proposta de estudo será dividida em três etapas principais.

A primeira, caracteriza-se por um levantamento teórico com base nas características das pessoas LGBTQIAPN+ que recorrem ao exílio. A segunda, consistirá na realização de coleta de dados empíricos, por meio de entrevistas ou questionários, com a finalidade fim de compreender em que aspectos, motivos e formas, pessoal e socialmente, essas pessoas se distanciam de seus locais de origem. Por último, a terceira, proceda a análise dos discursos obtidos a fim de verificar a ocorrência de percebido por meio destas narrativas.

Na expectativa de colaborar com a discussão de estratégias de resistência adotadas por pessoas LGBTQIAPN+ frente à violência estrutural, a pesquisa ajudará a viabilizar a criação de políticas públicas mais voltadas à diversidade.

Metodologia

O primeiro passo para desenvolver este artigo se deu por uma revisão de literatura, com o objetivo de compreender os fundamentos teóricos que envolvem gênero, sexualidade e os processos de marginalização social que afetam a população LGBTQIAPN+. Para compreender as identidades dissidentes, é necessário reconhecer que existem os mecanismos culturais e sociais ativados para promover sua exclusão. Grande parte desse processo de marginalização ocorre em formas de normalização e naturalização de certas formas de ser, conviver e estar – e da exclusão de outras. Discutindo a noção de performatividade de gênero, Butler (2019, p. 200) defende que “o gênero não é simplesmente aquilo que se é, mas também aquilo que se torna um objeto de identificação e escrutínio, mas também uma faceta de identificação repetidamente invocada e parecida por diferentes meios”. Dessa forma,

o gênero não é um fato da natureza ou algo que se nasce sendo. Ele se refere a repetições normativas que constroem e reafirmam identidades. Elas confundem a uma lógica que produz apenas corpos que são socialmente inteligíveis e tende a desconsiderar ou desprezar tudo o que não pode ser lido heterossexual e binário.

A heteronormatividade, para hooks (2009) é o conjunto de pressupostos e práticas que estabelecem a heterossexualidade como norma e condição de subjetividade humana natural. Ela destina à invisibilidade e marginalidade a qualquer forma de expressão de gênero ou sexualidade que não corresponda à norma. Bloqueia as possibilidades de vidas para identidades dissidentes, ao erigir inúmeras barreiras sociais, familiares e institucionais para sua expressão. A violência simbólica e estrutural contra a população LGBTQIAPN+ também se manifesta nesse processo de exclusão social. Natividade e Oliveira defendem que “esses indivíduos são constantemente empurrados para fora da cidadania ou suas condições de civilidade, com a redução de sua condição de cidadão a simples habitante”, o que impede não apenas o direito a acesso a bens e serviços essenciais, mas também o direito ao reconhecimento legal e social da existência e identidade.

Este artigo adotou uma abordagem qualitativa, com o objetivo de compreender como o exílio voluntário se manifestou na vida das pessoas entrevistadas. Segundo Minayo (2010), a pesquisa quantitativa busca explorar fenômenos sociais complexos, proporcionando uma compreensão mais profunda das experiências vividas pelos indivíduos.

O recrutamento dos participantes foi realizado por meio de um questionário na plataforma do *google forms*. este questionário, por sua vez, tinha perguntas de seleção, nome para entrarmos em contato, gênero, sexualidade e se optou por sair de casa para viver sua expressão de gênero e/ou sexualidade. Após essa primeira etapa, estabelecemos contato com os participantes através do número de whatsapp disponibilizado no formulário.

As entrevistas foram conduzidas de forma online ou presencial de acordo com a escolha do entrevistado, foi utilizado o método de entrevista semiestruturada com participação de homens gays de idades variadas entre 23 e 45 anos, a entrevista foi organizada em três eixos principais da vida do participante: (1) a infância, para

entender como se expressavam por meio das brincadeiras e primeiros contatos sociais fora o primeiro contato, que é em casa, com a família; (2) as motivações que levaram ao desejo de deixar a casa que moravam; e (3) as mudanças percebidas após o exílio voluntário. Essa estrutura foi desenvolvida para atender aos objetivos da pesquisa, permitindo que os entrevistados compartilhassem suas experiências de forma abrangente e reflexiva. Como confirma Kvale (1996, p.71), a entrevista semiestruturada é um método que permite ao entrevistador “explorar o significado da experiência do entrevistado”, ao mesmo tempo que oferece uma estrutura para investigação.

A análise dos dados coletados foi realizada com base nas narrativas dos participantes, buscando identificar padrões e significados nas experiências relatadas. Para proteção da identidade dos entrevistados usaremos os seguintes códigos de identificação: **E1, E2, E3, E4, E5 e E6.**

Tabela 1 - Representações dos entrevistados

RESPONDENTE (ENTREVISTADO N°)	IDADE	ORIENTAÇÃO SEXUAL	GÊNERO
E1	45	Bisexual	Masculino
E2	34	Homossexual	Masculino
E3	23	Homossexual	Masculino
E4	37	Homossexual	Masculino
E5	34	Homossexual	Masculino
E6	25	Homossexual	Masculino

Fonte: Elaborada pelos autores.

Desenvolvimento

A vida humana é experienciada nas relações sociais, vistas como o padrão ou como a dissidência. O exílio voluntário trans para academia é um campo pouco abordado, nas pesquisas científicas. O conceito de exílio voluntário remete a buscar itinerário para resistência e a afirmação de si. As experiências de vida de pessoas LGBTQIAP+ é marcadas por uma série de micro e macro agressões. Desde o início da vida de indivíduos Queer, antes mesmo de se entenderem enquanto pessoas

dissidentes, fora do padrão heteronormativo, é marcada por violências psicológicas, vexatórias, verbal, moral e física.

Pesquisas que buscam compreender a vivências de pessoas que demonstram importante no enfrentamento do preconceito. Devido ao preconceito internalizado na sociedade, pessoas LGBTQIAP+ são evitadas, e não ocupam "naturalmente" lugares de afetividade, por não atenderem ao padrão social e hegemônico. Por serem evitados, passam então por evitar interações que não sejam seguras. É nesse processo de aceitação de si e familiar, que a família se constitui como um espaço pouco (quase nunca) seguro.

Natividade e Oliveira (2013) defendem que esta comunidade apresenta posições objetivas e subjetivas que implicam em discriminação e sentimento de inferioridade, caracterizadas por exclusões, privações e tratamentos desiguais frente a cis-heterossexuais.

Evitar essas interações como o meio heteronormativo e hegemônico, é o que pretendemos aprofundar no sentido do exílio voluntário voltado ao entendimento de emancipação pessoal. Neste estudo utilizaremos os conceitos de Exílios, liberdade, masculinidades hegemônicas e heteronormatividade. Para embasar nossa análise das experiências de Exílios voluntários entre pessoas LGBTQIAPN+. A seguir, faz-se necessário apresentar e aprofundar as definições e contextos desses conceitos.

O exílio pode ser entendido como um estado de afastamento não só geográfico mas também social e emocional. Para Munõz (1999), o exílio é uma experiência muitas vezes vivida por aqueles que não se encaixam nas normas hegemônicas incluindo homens que desafiam as expectativas tradicionais de masculinidade. O exílio pode ser tanto um lugar para dor quanto para resistência.

Butler (2003) analisa como as normas de gênero se constroem socialmente e como essas construções afetam a liberdade individual. Ela argumenta que liberdade deve ser entendida não só como ausência de restrições mas também com capacidade para subverter e desafiar normas que regulam corpos e identidades.

A definição de masculinidade hegemônica trata de um conjunto de características, comportamentos e práticas considerados ideais em uma sociedade patriarcal, promovendo a dominação masculina sobre as mulheres e as masculinidades dissidentes (Connell, 2013). Essa forma de masculinidade é caracterizada por traços como a heterossexualidade, força, agressividade, virilidade e controle.

O conceito de heteronormatividade discutido por Warner (1999) refere-se à ideia de que a heterossexualidade é vista como o padrão de sexualidade aceito perante a sociedade. Isso sugere que outras formas de sexualidade, como as identidades LGBTQIAPN+, são consideradas desviantes ou fora da norma padrão. Essa perspectiva molda práticas sociais, culturais e políticas, perpetuando discriminação e exclusão em relação às identidades LGBTQIAPN+.

As bases teóricas que propiciou esse estudo advêm do referencial levantado para estudos no Grupo de Estudo e Pesquisa em Gênero e Comportamento - GEPGEC. Destacamos aqui dois teóricos que abordam essa temática, desse afastamento para a reafirmação da sexualidade e de gênero Andrade (2015) e Vieira (2011). ambos os autores tratam do exílio como ações migratórias, que assim como nossa pesquisa define podem ocorrer de variadas formas.

Andrade (2015) versa sobre a importância da análise dessa locomoção e de como essa migração nesse sentido de refúgio (exílio voluntário) afetam as relações inter/pessoais. Para isso autor enfatiza:

Ainda que a sexualidade não seja necessariamente o único fator que motiva a mobilidade, é um importante aspecto, poucas vezes levado em consideração. Seja dentro de um mesmo território nacional ou cruzando fronteiras, para turismo sexual ou através do refúgio, há uma relação entre o deslocamento geográfico e a não-heterossexualidade, passando por questões de imaginação do local para onde se vai e também por dimensões identitárias desses sujeitos e dessas sujeitas. Percebe-se, pois, que orientação sexual e identidade de gênero devem ser entendidas enquanto categorias analíticas para os estudos de migração e de refúgio. (Andrade, 2015, p. 44)

O artigo destaca que, embora as migrações internas e internacionais motivadas por orientação sexual e identidade de gênero sejam fenômenos antigos e ainda muito

frequentes, a reflexão teórica específica sobre esses deslocamentos começou apenas nos anos 2000. O autor propõe-se a dar atenção ao refúgio baseado em perseguição ou temor de perseguição por orientação sexual e identidade de gênero. No que em nosso estudo baseia-se na quebra das relações familiares e/ou sociais.

No sentido migratório Vieira trás reafirmação daquilo que se discute nesta sessão. Segundo Vieira (2011) se faz necessário uma reflexão teórica sobre a inter-relação entre mobilidade, migrações e orientações sexuais. O objetivo do estudo é abrir perspectivas de investigação nesse tema em Portugal, cruzando as áreas interdisciplinares dos estudos de migrações e dos estudos queer.

A mobilidade é, pois, uma das fortes metáforas e alegorias imbricadas no debate introduzido pela teoria queer, sendo um elemento fundamental da análise contemporânea das sexualidades. Este texto pretendeu viajar em torno deste debate, potenciando o modo como sexualidade e mobilidades se entrecruzam fortemente e são elementos constitutivos de práticas de investigação e de políticas públicas que estão ainda imbricadas de forte heteronormatividade. Assim, elementos como a investigação em torno dos processos de migração internacional de e para Portugal relacionados com a orientação sexual estão ainda por realizar. (Vieira, 2011, p. 13)

O autor apresenta um conjunto de reflexões que abordam, metaforicamente e materialmente, as formas de mobilidade relacionadas à orientação sexual. Sobre a análise da metáfora da "saída do armário", a centralidade dos espaços urbanos como focos atrativos para lésbicas e gays, e a necessidade de repensar e redefinir a investigação sobre migrações internacionais, dando atenção especial aos processos relacionados ao asilo político de países que ainda criminalizam a homossexualidade.

É importante lembrar que a luta pelos direitos LGBTQIA+ não é apenas uma questão de justiça social, mas também de saúde mental e bem-estar, como defende Marshal (2011). Na próxima seção aprofundaremos nossa análise sobre os relatos das experiências de vida dos entrevistados. A fim de alcançar os objetivos deste estudo e corroborar para aplicação do conhecimento científico e social sobre as vivências LGBTQIAP+.

Resultados e Discussões

Ao aproximar o contato com os entrevistados, podemos observar a pluralidade das experiências de pessoal LGBTQIAPN+. Mas toda essa diversidade apresenta singularidades, a priori ser um indivíduo *Queer*, rompe a naturalidade da heteronormatividade. Esse rompimento gera uma violência simbólica ocasionada pelo preconceito.

A uma padronização que pretende-se modelar os corpos e os afetos, mas que instaura um sofrimento, pela negação de ser, de gostar, de demonstrar aquilo que sente é verdadeiramente é.

Nossa análise inicia identificando o perfil das pessoas que buscam o exílio voluntário, logo após suas motivações e por fim as suas experiências fora do impedimento familiar e/ou social.

Exílio Voluntário e a busca da Autenticidade entre Gênero, Expressão e Sexualidade.

O exílio voluntário inicia dentro de casa, pessoas LGBTQIAP+, recorrem a criar espaço de segurança para serem livres. Passam a ser evitados por demonstrarem aspectos que não convém socialmente a seu sexo — designado no nascimento. A consciência emergente nesse processo de aceitação corrobora para que pessoas *Queer* passam considerar o exílio voluntário como forma de libertação.

Fragmento do respondente E3 - Na adolescência, eu estava ali naquele processo já de se entender. Como eu sempre fui muito retraído, então... Acabei passando por muitos processos sozinhos. Porque também se eu fosse explicar o que eu tava sentindo, eu tinha que explicar o porquê eu tava sentindo. Tinha que explicar que eu era pessoa LGBT, que tava me entendendo. E eu preferi ficar quieto por vários momentos, na maioria dos momentos, pra tentar não mostrar o que eu era.

[...] Para o E3 de hoje, eu vejo muitos traumas, porque realmente é. Porque essa questão de ficar se anulando, anulando o jeito de ser, pra tentar não passar por essas situações, traz muitas marcas que a gente consegue ver na vida adulta, né? De realmente, em alguns momentos, se anular também, mesmo que não seja por essas questões LGBTs. Mas que vem desses passos que a gente fazia quando era na infância, né? Se esconder.

O respondente E3 apresenta uma série de elementos importantes para compreensão do perfil que queremos caracterizar. O “ficar quieto”, “pra tentar não demonstrar o que eu era” indica uma um espaço de restrição de adequação da expressão expressão que se quer vivenciar. O que o respondente E3 salienta os processos avaliativos e adequações às normas heteronormativas hegemônicas. A

vulnerabilidade afetiva é bem presente no perfil de quem busca o exílio, as violências simbólicas ou diretas são realidades para pessoas LGBTQIAP+.

Fragmento do respondente E2 - Sim, já via os olhares, principalmente do meu irmão, que ele me via junto com as meninas, e nesse caso ele já me via com cara de criticar. E uns amigos meus também já me chamavam de viadinho. Ah, é viadinha, viadinha, brincando de bonequinho com as amigas. Mas isso pra mim não importava tanto. Eu via talvez mais dos adultos, porque como eu falei do meu irmão, ele que me via muito, então ele me criticava muito e fazia muito bullying comigo, de tipo dizer, virar homem, coisa feia, tá brincando com bonecos, não é coisa pra você brincar.

Fragmento do respondente E5 - Aí já foi um pouquinho mais complexo. A gente já começa a ter aquela formação, assim, os meninos já começam a pensar, já começam a ver a verdade, né? Já começam a pensar muita besteirinha. Então, tipo, sempre rolavam as piadinhas, sempre rolavam as brincadeiras chatas, os problemas idiotas. Viadinho, gay, bixinha. Mas eu sempre tive uma afinidade mesmo mais com as meninas. Era difícil. Nessa parte, sim. Nessa faixa etária, eu já conseguia ter mais contatos com meninas do que com meninos. Sentia mais a vontade.

O bullying como conduta vexatória contra as pessoas que diferenciam as práticas que deveriam ser socialmente bem aceitas, em relação a brincadeiras e a brinquedos e a vínculo com grupos diversos. Os dois fragmentos, provenientes dos respondentes E2 e E5, relatam as experiências de gênero e sexualidade na infância e adolescência, marcadas por críticas, bullying e a busca por afinidade. Embora as narrativas se entrelacem em temas comuns, cada uma revela nuances distintas sobre o impacto dessas vivências.

O respondente E2 descreve uma pressão normativa de gênero vinda de seu irmão e de amigos. Os olhares de crítica e os termos como "viadinho" e "viadinha" evidenciam a internalização de padrões de masculinidade que rejeitam atividades consideradas femininas, como "brincar de bonequinho". A interlocução do irmão, "virar homem, coisa feia, tá brincando com bonecos, não é coisa pra você brincar", é um claro exemplo de violência verbal e bullying com o objetivo de reprimir comportamentos não-conformes.

Já o respondente E5 relata uma fase da vida em que "os meninos já começam a pensar, já começam a ver a verdade, né? Já começam a pensar muita besteirinha", o que pode ser interpretado como o início da descoberta da sexualidade e das expectativas sociais sobre o masculino. As "piadinhas", "brincadeiras chatas" e "problemas idiotas", acompanhados dos termos "viadinho, gay, bixinha", reforçam o ambiente hostil e homofóbico enfrentado por aqueles que não se encaixam nas normas. A afinidade de E5 com as meninas é um ponto central, revelando a busca por um espaço de conforto e aceitação em meio à

rigidez dos grupos masculinos. A dificuldade e o desconforto em interagir com meninos, em contraste com a facilidade e à vontade com meninas, sublinham a pressão para se conformar a um determinado papel de gênero.

Podemos traçar esse perfil que permeiam a vivência de pessoas LGBTQIAP+ como indivíduos que: tiveram uma infância e/ou adolescência marcada por experiências, frequentemente, de incompreensão ou rejeição afetiva familiar e social; foram submetidos a normas rígidas de adequação de gênero, com expectativas de como deveriam se comportar, brincar e interagir, especialmente em relação à masculinidade hegemônica. A falha em atender a essas expectativas muitas vezes resultou bullying na infância e o preconceito é assim desenvolvem uma sensibilidade aguda às dinâmicas sociais e ao preconceito; Buscam ativamente e/ou encontram naturalmente espaços onde se sintam seguros e aceitos, seja em amizades ou grupos sociais que os indivíduos da comunidade; Desenvolvem itinerários de resiliência, dentro da perspectiva do exílio; Possuem uma vivência em exílio de autodescoberta e de si da liberdade sexual, expressão e gênero que está em um espaço longe dos impedimentos familiares promove.

Motivações Interpessoais e Pessoais Para o Exílio Voluntário.

As escolhas e decisões que levam a uma pessoa LGBTQIAP+ a sair de seu ambiente família e/ou social são amplas e diversificadas. Em alguns casos, sair de casa está relacionado a uma busca de autonomia econômica social, pode ser pela repressão da sua sexualidade, através do abandono e a expulsão de casa por conta do preconceito, mas todos eles ressaltam que sair em exílio remonta um lugar e ambiente para ser livre.

FRAGMENTO DO RESPONDENTE E1 - Emprego. Eu fui, na realidade, a primeira vez... Eu fui primeiro pra Rio de Janeiro. Passei seis Aí não deu certo lá com meu irmão. porque meu irmão, eu pescava com ele na laguna, no mar. Então a gente teve uma briga por causa de besteira também. Não por causa de coisa sexual, essas coisas não. Mas por causa de besteira. Aí foi, acabou que não dando certo ficar lá, com ele. Aí meu outro irmão ajeitou pra mim ir pra São Paulo, pra casa minha irmã, que justamente o nascimento, que eu falei agora há pouco, que me levou, que foi me levar lá, me deixar lá em São Paulo. Ter que sair de casa foi necessidade dede trabalho

FRAGMENTO DO RESPONDENTE E6 - Quando eu chego na empresa, que eu digo assim, onde é a entrevista? E disseram, querido, Você já fez a entrevista, você está aqui no treinamento. E a gente tá precisando muito de pessoas. Então assim, você não vai fazer entrevista. Você vai treinar pra trabalhar. A chance de você trabalhar aqui é 99,9% se você cumprir tudo. Ah, eu tava tipo assim... Ah! Ah, yeah! Já fui pro treinamento, descobri o que que eu tava me metendo e qual era a empresa. Qual era

a empresa da empresa. Um caos. Me deram... fiz exame nesse mesmo dia. Me entregaram uma folha com um monte de documento que eu tinha que conseguir da noite pro dia. Um caos. E eu desesperado, cantando Mestre, eu preciso de um milagre. Ressuscita-me. E quando eu vi... Eu estava contratado na empresa. Não voltei mais pra casa.

Os fragmentos acima, embora distintos em suas narrativas, destacam a saída de casa impulsionada por fatores externos à sexualidade e ao gênero, mas pela necessidade e pela busca por autonomia econômica.

E1 ilustra uma saída mais gradual, mediada por laços familiares e com foco na estabilidade financeira. Já E6 representa uma ruptura mais dramática com três saídas graduais, da casa dos pais (Paraíba), para a casa do irmão (Rio de Janeiro), da casa do irmão para a casa da irmã (São Paulo) e por fim a sua casa com seu companheiro (São Paulo).

FRAGMENTO DO RESPONDENTE E2- Existiu, existiram esses momentos na parte do meu padrasto, na parte do meu irmão, que eles pegavam muito no meu pé. E eu só não saía da casa da minha mãe por conta da minha mãe, porque eu ficava com medo de deixar ela com eles. Mas eu me sentia muito de vontade de sair quando eles começaram a me criticar. Eu recebi muitos preconceitos. Eu não tinha tanto preconceito no lado de fora como eu tive mais preconceito dentro de casa, por conta deles. Mas eu tinha que seguir, né? Eles ficaram fazendo de propósito pra mim sair. Eles sempre faziam de propósito pra mim, tipo, botar um pé na bunda e dizer, ai, ó, eu tô indo embora, deixa eles aí, eu não quero saber, eu vou embora. Eles queriam muito que isso acontecesse, mas eu fui seguro por conta da minha mãe.

Análise sobre a expulsão O fragmento do relato do E2 oferece uma perspectiva sobre como as dinâmicas familiares podem ser complexas e, por vezes, preconceituosas. Demonstra uma rejeição vivenciada por muitos LGBTQIAP+. O trecho apresenta um dilema emocional sobre sua necessidade de autopreservação (exilar-se voluntariamente do preconceito e das críticas) contra seu senso de responsabilidade e cuidado com a mãe. A percepção de que as ações do padrasto e do irmão eram "de propósito" para "botar um pé na bunda" dela intensifica a sensação de ser uma pessoa indesejada naquele ambiente.

A casa sendo da sua mãe, que por sua vez demonstrava ser a única defesa em relação a outros componentes familiares, o E2 só sai de casa após iniciar um relacionamento com seu parceiro na época.

FRAGMENTO DO RESPONDENTE E3 - Uma das coisas que me motivou, como eu falei, que eu sempre sonhei em ter minha casa, então foi a oportunidade, foi tipo assim, essa chance que você tem de sair, porque, sabe, se você não saísse naquele momento, ia ser muito difícil eu conseguir ter a coragem de sair e enfrentar, tipo, pagar aluguel, as contas tudo sozinho, né? Então, quando surgiu a oportunidade, a gente

sentou, conversou com o Victor, então ali já tinha minhas coisas também compradas, então pra mim foi Era o que eu precisava naquele momento para conseguir sair.

FRAGMENTO DO RESPONDENTE E4 - Porque eu queria ter a minha liberdade e queria ter a minha privacidade, porque como eu não era ainda assumidamente para a família e às vezes ele ia dormir na minha casa como amigo, A gente ficava escondido, né? Por mais que eu tenha um quarto. A casa não era tão grande. Então, a qualquer momento, minha mãe abria a porta, o meu irmão abria a porta, chegava alguém. Então, o motivo realmente de eu ter saído foi ter a minha liberdade e minha privacidade.

FRAGMENTO DO RESPONDENTE E5 - Poder ter a liberdade de ter sua casa, de receber quem você quer, a hora que você quer, de lavar uma louça na hora que você quiser, de acordar a hora que você quiser, entendeu?

[...] Aí foi quando, em 2010, eu comecei a trabalhar, mas a minha mãe falou assim, é melhor você ir pra São Paulo. Porque lá você vai se dar melhor, vai se dar bem melhor na questão da sua vida, vai conseguir um emprego melhor. Só que aqui eu já estava trabalhando. Então depois eu entendi que... Eu acho que ela começou a ver como eu estava me tornando sexualmente um homem gay e preferiu que eu fosse pra lá pra que a família não soubesse, digamos assim. Inclusive depois tiveram histórias que eu soube por terceiros que ocorreu a mesma coisa com o meu primo.

Os respondentes E3, E4 e E5 versam em seus relatos o sentido de liberdade (Butler, 2003) que refletem a ausência de restrições familiares e sociais, e envolve-se na capacidade para subverter e desafiar normas que regulam corpos e identidades.

A fala "foi a oportunidade, foi tipo assim, essa chance que você tem de sair" do E2 sugere que a mudança não foi apenas desejada, mas percebida como um momento para concretizar esse sonho. Após a oportunidade de morar com seu ex-parceiro amoroso. Já o respondente E4, versa um pouco das experiências amorosas, e o medo de ser descoberto, no trecho "às vezes ele ia dormir na minha casa como amigo" e "Então, a qualquer momento, minha mãe abria a porta, o meu irmão abria a porta, chegava alguém", então viver é experienciar a sexualidade livremente e com privacidade para ser e viver como se quer.

O relato de E3 e E4 é um exemplo claro de como um objetivo de vida é morar em um lugar seu, que desvencilhar de entraves familiares, o E5 parte do mesmo princípio, da liberdade, mas apresenta uma singularidade distinta. O motivo maior dele querer sair em exílio não foi voluntariamente, no trecho "é melhor você ir pra São Paulo. Porque lá você vai se dar melhor," remete a um preconceito velado de cuidado, que o próprio respondente explicita isso no trecho "Eu acho que ela começou a ver como eu estava me tornando sexualmente um homem gay e preferiu que eu fosse pra lá pra que a família não soubesse". Diferentemente da expulsão explícita que o padrasto e o irmão

do E2, o convite exílio do E5 parte de um sentido de um afeto longe da presença da mãe do E5.

Após o exílio as experiências da vida longe desses impedimentos, as pessoas LGBTQIAP+ passam a viver como querem, como elas são verdadeiramente e passam a ter mudanças significativas em sua autoestima, autonomia, estilo e mudanças corporais. Na última seção abordaremos essa mudança como forma de resiliência, emancipação e autonomia.

Exílio Voluntário e Experiências Livres

O exílio voluntário é uma realidade complexa para pessoas LGBTQIAP+, que buscam em outros espaços a segurança, a liberdade e a aceitação de serem quem são. Torna-se por consequência um ato de coragem e resistência, que acarreta mudanças potenciais nas suas experiências de vida e na forma como expressam suas identidades.

Uma das mudanças evidentes, e a principal, é a liberdade de expressão. Em um novo contexto, as pessoas em exílio podem finalmente viver abertamente suas identidades de gênero e orientações sexuais. Isso se manifesta desde a forma como se vestem, como interagem, como se relacionam e se apresentam publicamente até a possibilidade de construir relacionamentos sem medo de retaliação. Não há identidade de gênero por trás das expressões de gênero essa identidade é performaticamente constituída pelas próprias expressões autênticas (Butler, 2003). Para aqueles em exílio, a possibilidade de performar seu gênero e sexualidade sem repressão é, portanto, a própria constituição de sua identidade autêntica.

As potenciais mudanças nas experiências de vivência LGBTQIAP+ em exílio voluntário são espaços fecundos para o crescimento e autoafirmação. O exílio, assim, se transforma não apenas em um refúgio libertador, mas em um campo fértil para a emancipação e autonomia.

FRAGMENTO DO RESPONDENTE E1- Senti. Força de vontade de crescer mais. De caminhar com as próprias pernas. Sem precisar de apoio de ninguém. De ser eu mesmo, ter atitude, de ter tudo o que você imaginar.

No trecho acima, o ponto citado pelo respondente foi a vontade de romper com os laços de dependência financeira, e ascender socialmente, sem precisar pedir ajuda de ninguém. Esse trecho retrata um orgulho, que embora nos leve a pensar num lugar de solidão, mas o sentimento de conquista, por mais que sejam poucas, é um lugar de alegria para essas pessoas que veem em suas conquistas econômicas e educacionais as realizações de sonhos mais primitivos.

FRAGMENTO DO RESPONDENTE E2- Mudou, mudou muito no sentido de... Hoje tá mais liberto, tipo, hoje eles já tão mais aceitando, já tão mais aceitos do que eu sou. Hoje já é uma coisa mais, tipo, ah, é o Will, tá, agora já tá grande, já sabe o que ele faz, já sabe o que é que deixa de fazer. liberdade. O benefício de eu me sentir mais livre. Mais livre do que eu já era. Sentir mais livre. Tem lugares, por exemplo, até no meu trabalho mesmo. Eu vou de homem, eu vou de E2, normal, mas tem dias que eu vou de peruca. Quando eu vou de peruca, fica uma confusão na cabeça das meninas, que ficam dizendo, vem cá, o que é que eu te chamo? De E2 homem ou de E2 Drag? Eu digo, ah, mulher me chama de qualquer jeito. Eu tô de boy, tô de mulher, eu não sei nem o que é que eu vou me expressar aqui. que podem me chamar de qualquer jeito.

O respondente E2 nos atualiza sobre a relação atual com seus familiares relatados na seção acima. “eles já tão mais aceitando” após atingir esse status de independência e a partir desse afastamento os vínculos afetivos familiares foram melhorando.

Nesse sentido o benefício que o E2 e ser livre, para expressar como que, frequentar os espaços que ele quer, utiliza a arte drag para expressar sua feminilidade. A busca por autenticidade e a superação normativas sociais de gênero, mesmo em espaços que, tradicionalmente, podem ser mais conservadores, como o ambiente de trabalho, o E2 ressalta a complexidade e

das identidades e expressões fluidas e a importância de permitir que as pessoas se expressem de maneira que as faça sentir mais livres.

FRAGMENTO DO RESPONDENTE E3- Sim, porque eu comecei a fazer coisas que eu sempre quis, que a minha mãe não deixava. Colocar brinco, fazer tatuagem, essas coisas. São coisas superficiais, mas que moldam a sua identidade. Como eu falei também, a questão de ser uma pessoa mais afeminada dentro de casa, eu não me sinto à vontade, não me sinto ainda. que ainda não consigo totalmente, mas aí eu consegui me libertar de todas as formas, tanto fisicamente quanto a minha personalidade de ser. O meu benefício é me conhecer e tá ali, tipo, não me forçar a ser algo que eu não sou, né? E acabar reprimindo Porque eu tô num ambiente que é meu. Então, ali eu posso ser o que eu quiser e no tempo que eu quiser. Não preciso me apressar pra ser algo, sabe? Consigo me conhecer melhor e dar meu tempo. É muito gratificante você conseguir estar feliz num ambiente, você conseguir estar livre

se você quiser sair pra algum lugar, você tá à vontade pra sair, você não precisa dar satisfação pra onde você vai, você não precisa explicar porque você tá indo, pra onde você tá indo. Pra mim é uma das coisas mais gratificantes da vida, a liberdade.

A frase “minha mãe não deixava. Colocar brinco, fazer tatuagem, essas coisas” versam sobre a importância de atos que, embora “superficiais” (na visão do narrador), são marcos de autonomia e autoafirmação. Esses atos são descritos como elementos que “moldam a sua identidade”, sublinhando que a identidade é construída também através de escolhas pessoais, por menores que pareçam.

A dificuldade em ser “uma pessoa mais afeminada dentro de casa” e a sensação de não se sentir “à vontade” ou “ainda não conseguir totalmente” expressam, ainda, a existência de barreiras internas. Isso mostra que a resiliência em exílio é um processo contínuo e que alguns espaços, mesmo íntimos, podem apresentar desafios.

A afirmação “eu consegui me libertar de todas as formas, tanto fisicamente quanto a minha personalidade de ser” demonstra uma vitória abrangente. A liberdade não se restringe apenas à aparência, para o E3 se estende à essência do ser, à capacidade de expressar sua personalidade sem máscaras. “Consigno me conhecer melhor e dar meu tempo.” Aqui, o interlocutor articula a sua conquista a capacidade de ser autêntico consigo mesmo, sem repressão.

O fragmento do relato do R3 finaliza com o conceito da liberdade como a maior gratificação: “Pra mim é uma das coisas mais gratificantes da vida, a liberdade.” É a liberdade de ser, ir e vir sem ter que dar satisfação a pais ou responsáveis, o que é percebido como a fonte da felicidade de R3.

FRAGMENTO DO RESPONDENTE E4- Eu me expresso livremente. Sobre tudo. Sobre qualquer pessoa que eu estou me relacionando. Seja... seja no amoroso ou na amizade ou até mesmo no ambiente de trabalho. Eu me expresso da maneira que eu sou.

A afirmação “Eu me expresso livremente. Sobre tudo.” é o ponto central. Indica que o respondente não impõe limites ao que pode dizer ou sentir, abordando qualquer assunto com total abertura. Essa liberdade é um pilar da sua comunicação. O fragmento continua com “Sobre qualquer pessoa que eu estou me relacionando.” Isso

demonstra que a autenticidade do interlocutor não é seletiva, ela se estende a todas as esferas de sua vida social e profissional. Não há uma persona diferente para cada contexto, o que sugere um conforto com a sua própria identidade.

FRAGMENTO DO RESPONDENTE E5- Sim. Eu... Eu me vejo assim muito mais... Mais bichinha. Eu consigo me expressar, gesticular, falar... Bem mais como eu... Eu me sinto confortável do que quando eu morava na minha casa. Inclusive, justamente agora é Liberdade. A minha liberdade, o meu conforto, a minha privacidade.

O trecho "Eu me vejo assim muito mais... Mais bichinha" reflete no reconhecimento de si e uma aceitação mais profunda da própria expressão de gênero mais afeminada. A palavra "bichinha", no contexto é usada de forma afetuosa e autoafirmativa, denotando uma reconexão positiva com uma parte de si que foi negada por si e por terceiros. O fragmento "A minha liberdade, o meu conforto, a minha privacidade." resume os pilares dessa nova fase Para E5.

A liberdade é o campo de pertencimento de alguém em exílio voluntário, que se manifesta através do conforto de poder ser quem se é, sem julgamentos, da privacidade de um espaço onde essa autenticidade pode vivenciada sem a necessidade de performances hegemônicas.

FRAGMENTO DO RESPONDENTE E6- Eu me sinto leve! Ah, eu me sinto vingado! Gente, tem uma frase do álbum do. Baco⁴, olha, vamos voltar uma era. Que diz, eu sinto tanta raiva que amar parece errado. E eu ouvi muito no álbum da Urias também, a Urias⁵ falando como ela sente tanta raiva. E eu acho que o Baco é hétero, mas é preto. A Urias é uma pessoa trans, preta. Eu acho que a gente sente muito isso. É porque a gente olha e não vê perspectiva. Primeiro, acho que bate uma tristeza. Depois tem um vazio, você sente muito vazio. Porra, não tem perspectiva. Vou morrer a qualquer momento aí. Vou virar estatística. Vou virar linha de gráfico. Vou virar pixel num gráfico. Dá numa reunião da ONU. Vão contar a minha história, no mínimo. Eu vou parar na ONU, vou aparecer no 7 segundos⁶. E depois desse nada, raiva. Combustão, instantânea. Você sente ódio. Você sente muita raiva. Sabe? E eu entendo essas frases, né? Da Urias, a frase do Baco. Porque é o que a gente tem, é o que gera. E agora é isso. Eu me sinto vingado.

"Eu me sinto leve! Ah, eu me sinto vingado!" Essas frases iniciais, é tão impactante, por sua justaposição. A "leveza" pode indicar a superação de um fardo ou a conquista de uma liberdade que foi o tema dos fragmentos dos Respondentes anteriores. A

⁴ Baco Exu do Blues, é Diogo Álvaro Ferreira Moncorvo, é um rapper, cantor e compositor brasileiro..

⁵ Lorena Urias, mulher trans, cantora compositora, dançarina e modelo brasileira.

⁶ Portal de notícia com o foco em Arapiraca e região, em Alagoas, em meios midiático.

sensação de "vingança", no entanto, é o elemento mais surpreendente. Não é uma vingança violenta, mas uma forma de retribuição emocional ou simbólica contra as adversidades ou opressões vividas. Essa vingança pode ser a própria existência, a superação ou o sucesso, que por si só refuta as expectativas negativas.

O interlocutor cita a frase do Baco Exu do Blues e a raiva expressa por Urias. A conexão é feita através da identidade da negritude. Este é um trecho crucial, pois contextualiza a raiva não como um sentimento individual e irracional, mas como uma resposta coletiva e socialmente construída diante da marginalização e da falta de futuro para a contextualização da pesquisa de ser uma pessoa LGBTQIPN+. A identificação com esses artistas reforça a ideia de que a raiva é uma experiência compartilhada por grupos oprimidos.

A segunda parte da locução se torna mais potente e importante do fragmento. O R6 descreve uma progressão emocional da tristeza inicial pela falta de oportunidades, passando por um vazio existencial diante da ausência de perspectiva de futuro, até findar na raiva. A metáfora de "virar estatística", "linha de gráfico", "pixel num gráfico" ou ser exposto em manchetes em canais de comunicação em mídias sociais "7 segundos" em uma reunião da ONU é uma crítica à desumanização de pessoas pretas e LGBTQIAP+. Elas são reduzidas a números, a breves menções, sem que sua individualidade e dignidade sejam reconhecidas.

A compreensão da raiva dos artistas citados ressoa no R6, pois é um sentimento que o próprio narrador experimenta. A reiteração da sensação de "vingança" ao final sugere que a capacidade de sentir e expressar utiliza esse sentimento como forma de superar a dor, e assim reexistir, apesar das adversidades.

O exílio voluntário é a condição necessária para que a emancipação ocorra, permitindo que a autenticidade se torne uma poderosa forma de resistência e autoafirmação. A liberdade, nesse sentido, é a recompensa máxima, a base para uma vida plena e feliz, onde a integridade do ser é preservada e celebrada.

4. Considerações finais

A pesquisa sobre o exílio voluntário trata de trazer para a discussão acadêmicas e ciências sociais. Esse estudo é um pilar significativo para alicerçar o conhecimento científico, importante para promover políticas públicas acerca de casas de acolhimento, para indivíduos em vulnerabilidade, dentro dos aspectos do Exílio familiar, quando há a exclusão imposta, bem como políticas públicas médicas de acompanhamento psicológico e a criação de empregos voltados a comunidade, para que assim possam recorrer ao autoexílio de forma segura.

Como atividade vinculada a esta pesquisa, por meio do Grupo de Estudo e Pesquisa em Gênero e Comportamento - GEPGEC, dentro de um projeto em parceria com o Programa de Pós-graduação em Dinâmicas Territoriais e Cultura - ProDiC, que promove rodas de conversa, desenvolvemos uma roda de conversa na noite do dia 12 de dezembro de 2024, que trazia a discussão do Exílio, com a temática - Solidão e Pertencimento: Desafios da Comunidade LGBTQIAP+. Onde podemos conversar sobre esses momentos de exílio, e através da escuta das falas foi possível compreender mais o sentido de liberdade e autonomia tanto descuidado nas seções acima.

Esse estudo propõe-se a agregar mais pesquisadores (de outros departamentos, outros *campi* e outras universidades) que se dediquem ao estudo da temática, visando a colaboração mútua e fortalecimento da pesquisa, e na abrangência da pesquisa para níveis a níveis nacionais.

Mais do que uma solução pessoal definitiva de afirmação de si, que, por consequência, é desassistida e marginalizada. Esse movimento é um reflexo das falhas sistêmicas da masculinidade hegemônica e da heteronormatividade de uma sociedade que, reestrutura as raízes dos problemas patriarcais, homofóbicas e misóginas. De um poder legislativo que promove leis de apagamento dessas vivências; suprime os direitos já garantidos.

O exílio voluntário de pessoas LGBTQIAPN+ não é uma fuga, mas um ato de afirmação da liberdade individual. Ao buscar ambientes acolhedores, essas pessoas estão, reivindicando o direito à vida e viver com dignidade, direito que é negligenciado, de ser quem são sem medo de violência.

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da FAPEAL (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas). Agradecimentos também são dirigidos a todos os colaboradores que contribuíram para a concretude deste trabalho.

Referências bibliográficas

ANDRADE, Vítor Lopes. **Migrações internas e internacionais motivadas por orientação sexual e identidade de gênero.** *Travessia: Revista do Migrante*, n. 77, p. 29-48, 2015.

BUTLER, Judith. **Atos performativos e a formação dos gêneros:** um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). *Pensamento feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero:** feminismo e subversão da identidade. Tradução de M. P. L. de Oliveira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. **Masculinidade hegemônica: repensando o conceito.** *Revista Estudos Feministas*, v. 21, p. 241-282, 2013.

DÖRNYEI, Z. **Research methods in applied linguistics:** quantitative, qualitative and mixed methodologies. Oxford: Oxford University Press, 2007.

KVALE, S. **InterViews:** an introduction to qualitative research interviewing. Thousand Oaks: SAGE Publications Inc., 1996.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. São Paulo: Hucitec, 2010.

MUNÕZ, José Esteban. **Disidentifications:** queers of color and the performance of politics. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1999.

VIEIRA, Paulo Jorge. Mobilidades, migrações e orientações sexuais: percursos em torno das fronteiras reais e imaginárias. **Ex aequo**, v. 24, p. 45-59, 2011.

ABADE, E. A. F.; CHAVES, S. C. L.; SILVA, G. C. DE O.. Saúde da população LGBT: uma análise dos agentes, dos objetos de interesse e das disputas de um espaço de produção científica emergente. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, v. 30, n. 4, p. e300418, 2020.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** Lisboa: LDA, 1977.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: fatos e mitos.** São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1960a.

BELL, D. Heteronormativity. KOBAYASHI, A. (Ed.). International Encyclopedia of Human Geography. 2nd ed. Amsterdam: **Elsevier**, 2009. v. 6, p. 387-391. DOI: 10.1016/B978-0-08-102295-5.10191-X»<https://doi.org/10.1016/B978-0-08-102295-5.10191-X>

BUTLER, J. Atos performáticos e a formação dos gêneros: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. Em: **Pensamento feminista: conceitos fundamentais/ Audre Lorde...** [et al]; organização Heloísa Buarque de Hollanda. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019

CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, v. 21, p. 241-282, 2013.

SILVA, Edilene Soraia da. **Diversidade de gênero e ciência: Você Está Preparado Para Essa Conversa Com Seus Alunos?**. Viseu, 2023.

hooks, b. Reconstruindo a masculinidade negra. Em: **Olhares negros: raça e representação**. Bell Hooks. São Paulo: Elefante, 2019.

KIMMEL, Michael S. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. **Horizontes Antropológicos**, v. 4, n. 9, p. 103-117, 1998.

MARSHAL, M. P. et al. Suicidality and Depression Disparities Between Sexual Minority and Heterosexual Youth: A Meta-Analytic Review. **J Adolesc Health**, v. 49, n. 2, p. 115-23, 2011.

NATIVIDADE, Marcelo; DE OLIVEIRA, Leandro. **As novas guerras sexuais: diferença, poder religioso e identidades LGBT no Brasil**. Rio de Janeiro: Garamond, 2018.